

CONTO

“O Rupis gosta de viajar”

Vanessa Oliveira & Carla Veríssimo



A Teresa costumava ir com a família passear na natureza e, naquele início de outono, decidiram ir ao Festival de Sagres. As temperaturas ainda estavam amenas, havia um feriado que se juntava ao fim de semana, e as aulas ainda mal tinham começado – era a altura ideal para irem àquele festival de observação de aves e atividades na natureza, de que uns amigos já lhes tinham falado.

A viagem tinha corrido bem, e logo depois de terem ido buscar a pulseira de participante à receção do Forte, que ficava a caminho do Cabo S. Vicente, ouviram a amiga Catarina chamar: «Está ali um britango, venham ver!».

Seguiram imediatamente para o jardim exterior do Forte e, sobre o mar, lá estava um britango. Ele ainda era juvenil. E estava tão perto, que a Teresa até conseguia ver o seu rosto e as diferentes cores das suas penas sem binóculos. Estava fascinada pela forma como aquele abutre, ainda uma criança como ela, se equilibrava no ar; e pelo seu olhar, que parecia comunicar com ela... E nisto, o abutre pisca-lhe o olho e diz-lhe «olá!». Estaria a sonhar? Uma ave não fala!, pensou Teresa... Mas o abutre, além de falar, agora sorria! E a Teresa, que sempre fora curiosa pela natureza, lá aceitou o seu convite para continuar a conversa. E o abutre contou-lhe a sua história...

«Olá, eu sou o Rupis, e vou contar-te a minha história. Tudo começou há uns meses, na Primavera, na minha terra – o Douro Internacional. É um parque natural lindo, como este do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, mas no Norte de Portugal. Chama-se assim pois passa lá o rio Douro, que nessa zona do país marca a fronteira com Espanha. E do lado espanhol também é parque natural! Foi por essas bandas, entre Miranda do Douro – onde vivem os vizinhos burros mirandeses – e Figueira de Castelo Rodrigo, que os meus pais se conheceram.

MÚSICA 1

*Em Freixo de Espada à Cinta
O meu pai
Avistou uma jeitosita!*



*Em Escalhão deu um tropeção
Sentiu um abanão
Estava a ver que sofria uma electrocussão!*

*Saiu logo daquela linha
Bateu asas e foi prá caminha.*

Refrão

*Britango, Britango
Dança mais um tango!
Este Abutre-do-Egipto
É mesmo fofito!*

«E depois de tanta dança, os meus pais começaram a namorar, casaram, e pouco depois eu nasci, mais precisamente no dia 21 de abril.» (Que coincidência, pensava a Teresa, esse era o dia de aniversário da sua irmã.)

«A nossa casa era um buraco quentinho numa escharpa do Douro e eu, apesar de parecer forte, não nasci assim... Durante os primeiros três meses, eu ainda não sabia voar e os meus pais eram muito cuidadosos, pois traziam-me sempre alimento. Mas, aos poucos, fui treinando e percebi que na vizinhança havia outros abutres, uns mais velhos e outros mais novos, como eu.»

«Entretanto, eu já me conseguia alimentar sozinho e os meus pais explicaram-me que tínhamos de viajar para a nossa casa de inverno, em África! E mostraram-me um mapa com o percurso. Aquilo pareceu-me um bocado complicado, e apesar de me terem dito que era mais direto, eu quis experimentar o meu próprio caminho...»

MÚSICA 2

*Em Figueira de Castelo Rodrigo eu consigo
Voar com o meu amigo.*

*Do céu vimos que em Salamanca
A vossa estrada até empanca!*

*Perdi-me por Sagres
Não vi coisas graves.*



Refrão

«Pois é, mas na verdade, eu não queria mesmo era perder este festival. Eu soube deste evento ainda no Douro Internacional, no último “trabalho” que ainda fiz por lá este ano - o Eurobirdwatch. Percebi que é um fim de semana em que toda a Europa dinamiza atividades de observação de aves, e Sagres também estava no programa. Além disso - e não quero que me aches convencido - eu sou muito bonito, e não podia perder mais um desfile... Ainda por cima, com centenas de pessoas de muitos países diferentes, ali para me admirar... E Sagres foi o “alimento” que eu precisava antes de seguir para África.»

MÚSICA 3

*Estava eu no Festival
E havia gente do Martinhal.*

*Tu aí ó Catarina
Viste a minha cabeça amarelada
E ficaste maravilhada!*

*Vindo lá de uma ninhada
Cheguei à zona de invernada.*



Refrão

Passados cinco anos, a Teresa voltou a encontrar o Rupis, agora noutras paisagens: num festival de primavera, no Douro Internacional. E voltaram a conversar como velhos amigos, como se o tempo não tivesse passado por eles.

O Rupis contou-lhe que tinha sobrevoado o imponente Deserto do Saara e viajado até ao Mali, onde já existem elefantes, um animal que também sempre tinha fascinado a Teresa. «Estava quentinho e durante os últimos anos foi por lá que eu cresci, me tornei mais forte e ainda mais bonito (as minhas penas agora são quase todas branquinhas!). Mas chegou o tempo de voltar.»

MÚSICA 4

*Passámos por Marrocos
Voámos até África, quase ao Senegal
E percebemos que afinal no Douro Internacional
Não se vive nada mal!*

*E numa escarpa de Sendim
Encontrei um ninho para mim!*



Refrão

«E tal como os meus pais, também foi no Douro Internacional que conheci a minha noiva e tivemos o nosso primeiro filho. E também foi por lá que conheci as pessoas que trabalham na SPEA, Palombar, ATNatureza e no Parque Natural do Douro Internacional, e todos os outros parceiros do LIFE RUPIS, que têm estado a ajudar a proteger a nossa casa e dos nossos vizinhos águias-de-bonelli, abutres-pretos e milhafres-reais - os nossos vizinhos naquela região conhecida como Arribas do Douro.»

AUTORAS:

COMPONENTE CONTO: Vanessa Oliveira

COMPONENTE MUSICAL:

- Letra e Música: Carla Veríssimo
- Colaboração: Vanessa Oliveira e Vanda Domingos



NOTA: Este conto foi apresentado pela primeira vez, pelas autoras, em atividades do Life Rupis integradas no Festival de Observação de Aves e Atividades de Natureza, em Sagres (Outubro 2016). Vídeo disponível em <https://vimeo.com/416289851>.